

“Você sabe o que é Sexualidade?” - Relato de experiência de oficinas de educação sexual na escola

Carlise Inês Groth*
Celine Luciana Thomé**
Beatriz da Silva Rosa***

Resumo

Este artigo apresenta o relato de experiências de trabalhos de monitorias de acadêmicas de Psicologia e Biomedicina, os quais versavam o oferecimento de oficinas e projeto de sexualidade em duas escolas públicas de São Miguel do Oeste, SC. O objetivo desse trabalho foi verificar o conhecimento de alunos sobre sexualidade e das vivências da sexualidade na adolescência, além de promover discussão e reflexão a respeito de aspectos envolvidos na sexualidade, como o uso de métodos contraceptivos, as DSTs, as relações de gênero, os mitos sexuais e a gravidez na adolescência. Este estudo também buscou investigar a importância da inclusão de trabalhos referentes à sexualidade na escola. Foram empregados como recursos: dinâmica de grupo, jogos didáticos, vídeos educativos e palestras. Os adolescentes participavam das oficinas trazendo exemplos, discutindo e perguntando suas dúvidas. Foi possível perceber ao final desse processo um aumento no nível de informações dos adolescentes participantes, favorecendo, assim, a adoção de práticas de comportamento preventivo e a reflexão e desmistificação da sexualidade. Palavras-chave: Sexualidade. Oficina. Adolescência. Escola. Educação Sexual.

* Acadêmica de Psicologia, da Universidade do Oeste de Santa Catarina, *Campus* de São Miguel do Oeste; monitora do Projeto Transando Saúde-SESC; ministrante do curso: Sexualidade e Relações Humanas na Adolescência; carliseines@yahoo.com.br

** Acadêmica de Psicologia, da Universidade do Oeste de Santa Catarina, *Campus* de São Miguel do Oeste; ministrante do curso: Sexualidade e Relações Humanas na Adolescência.

*** Acadêmica de Biomedicina, da Universidade do Oeste de Santa Catarina, *Campus* de São Miguel do Oeste; monitora do Projeto Transando Saúde-SESC.

1 INTRODUÇÃO

O relato que segue é produto da experiência de monitoria de duas estudantes de Psicologia, e uma estudante de Biomedicina que se depararam com o desafio de coordenar uma oficina e um projeto, abordando a sexualidade na adolescência com um grupo de adolescentes de ambos os sexos, frequentadores da sétima série do ensino fundamental, e três turmas de adolescentes frequentadores da quinta série do ensino fundamental de escolas públicas de São Miguel do Oeste, SC.

A demanda de realização da oficina de sexualidade com as três turmas de quinta série partiu da direção da escola que entrou em contato com a Unoesc *Campus* de São Miguel do Oeste, a qual ficou responsável por desenvolver o trabalho. O projeto Transando saúde foi organizado pelo SESC, de São Miguel do Oeste, em parceria com a escola.

Quanto ao processo de elaboração das oficinas, constituíram objetivos deste trabalho: a) possibilitar a elaboração de um espaço reservado para o questionamento de aspectos referentes à adolescência trazidos pelos jovens e a socialização de experiências; b) trabalhar as vivências de sexualidade na adolescência, favorecendo a adoção de práticas de comportamento preventivo atreladas ao início da atividade sexual, como condição para promoção da saúde sexual; c) problematizar a noção de responsabilidade associada ao relacionamento sexual, a gravidez na adolescência e as DSTs.

Segundo Maheirie et al. (2005), a sexualidade é um fenômeno da existência humana, portanto, faz parte também da vida dos(as) adolescentes. É objeto de estudo e intervenção das políticas públicas e tem sido cada vez mais discutida, principalmente em razão do aumento dos índices de gravidez e de incidência de Aids na população jovem.

2 A EDUCAÇÃO SEXUAL

O conflito entre ética e sexualidade, em nossos dias, não é uma mera colisão entre instintividade e moral, mas uma luta para justificar a presença de um instinto em nossas vidas e para reconhecer neste instinto um poder que procura sua expressão, e com o qual, manifestadamente, não se pode brincar e que, por isso, também não quer se submeter às nossas bem-intencionadas leis.

(Carl Gustav Jung)

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), encontra-se o termo orientação sexual como uma proposta de tema transversal, um processo de intervenção planejada, intencional e sistemática, mas, de acordo com Figueiró (1996), a orientação sexual diz mais sobre a sexualidade do indivíduo em relação à sua identidade sexual, que vai sendo construída ao longo da infância, e como a pessoa se comporta ao longo de sua vida (FIGUEIRÓ, 2009).

A orientação sexual na escola deve ser entendida com um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relativas a sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciado-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. (BRASIL, 1997 apud FIGUEIRÓ, 2009, p. 5).

Entretanto, segundo Camaego (2005 apud FIGUEIRÓ, 2009), muitos ainda consideram, atualmente, a abordagem das questões sexuais como algo que estimulará os adolescentes precocemente para a sexualidade. Para outros autores, no entanto, a discussão proporcionará aos adolescentes a importância da vida sexual bem mais cedo e com maior profundidade.

Figueiró (2001) salienta, ainda, que a “[...] educação sexual refere-se a toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja o nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussão e reflexão sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.” Assim o termo educação sexual é considerado como o mais correto:

[...] o próprio termo educação sexual é mais adequado, na medida em que se abre espaço para que a pessoa que aprende seja considerada sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimento e/ou de orientação, como sugerem as outras terminologias: orientação, informação, instituição. (FIGUEIRÓ, 2001, p. 154).

Quando um profissional da área médica fala sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST), na maioria das vezes não considera o meio sociocultural em que ele vive, assim como seus valores, anseios, sentimentos, preconceitos, costumes e crenças. Portanto, ao educando não é dada a chance de expor seus conhecimentos, suas angústias, suas dúvidas e medos (FIGUEIRÓ, 2009).

Sabe-se que falar de sexualidade, por si só já é um desafio; as resistências são muitas, exigindo de todos os envolvidos revisar conceitos, superar preconceitos e estereótipos, olhar reflexivamente para a própria sexualidade, lidar com tabus, medos, vergonhas.

A sexualidade está presente em nossa vida desde o momento em que nascemos até a morte. A educação acontece constantemente, seja em casa, seja pela mídia, assistindo-se televisão, lendo-se revistas e jornais, seja via internet. Nesse caso, se a instituição escolar omite-se, deliberadamente, em relação a tudo

que se refere a sexo, essa atitude reflete-se na formação dos escolares, levando-os a considerar que sexo é uma coisa concreta, é um assunto que não cabe dentro das escolas ou, talvez, seja algo vergonhoso sobre o qual não se deve falar (FIGUEIRÓ, 2009).

O contexto escolar desempenha um papel importante na orientação dos estudantes, porém, existem instituições que reprimem certos comportamentos dos jovens e que nem sempre os educadores enfrentam com serenidade e com tato necessário, brincadeiras e comportamentos de ordem sexual, atribuindo-lhes uma gravidade e um caráter que, na realidade, não têm (FIGUEIRÓ, 2009).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) reconhecem os complexos da prática educativa e reforçam a importância de que cada escola formule seu projeto educacional, discutindo planejamento e possibilitando estudos constantes e compartilhados por todos que fazem parte do contexto escolar (FIGUEIRÓ, 2009).

Entretanto, existem instituições que não discutem, tampouco acham necessário discutir a sexualidade com seus educandos, e cujos educadores nem sempre enfrentam o tema com serenidade e equilíbrio; muitas delas, quando dizem que têm um projeto de educação sexual, limitam-se a cartazes, a palestras proferidas por médicos, ou enfermeiros ou as semanas dedicadas à temática (FIGUEIRÓ, 2009).

Um projeto de educação sexual, dentro da prática educativa, é uma estratégia de ensino-aprendizagem que visa, por meio da investigação de um tema ou de um problema, vincular a teoria à prática, provocando a necessidade de desenvolver uma metodologia de trabalho pedagógico que valorize a participação do educando e do educador, tornando-os responsáveis pela sua elaboração e pelo seu desenvolvimento, com suas características únicas, e levando-os a fazer um levantamento das razões para a sua implantação, e a conhecer quais são as suas fases, as situações e as falhas que poderão ocorrer. Como parte do tema, é necessária a discussão a respeito da importância do exercício da cidadania e da ética, pois, se esta está presente, aquela também deve estar, uma vez que são valores que apresentam características comuns. Dessa maneira, podemos inferir que a sexualidade é um processo em construção e poderá ser um caminho para a formação da cidadania, porquanto, ela é um fator de aperfeiçoamento desta. Entretanto, o que se considera primordial é a sondagem e a priorização dos interesses dos aprendizes, para protegê-los por meio da informação, permitindo que haja o diálogo e que se trate de assuntos que os pais sentem dificuldade de abordar, suprimindo-se da sexualidade a ideia de algo feio, sujo e pornográfico. É inegável a importância do estudo sobre sexualidade na vida dos seres humanos, pois ela é experimentada ou revelada em expectativas, imaginações, anseios, crenças, posturas, valores, atividades práticas, papéis e convivências. Abrange, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. É uma das dimensões do ser humano que abarca gênero, identidade sexu-

al, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. A sexualidade manifesta-se, diariamente, em circunstâncias aparentes ou não; por isso, é necessário falar desse assunto como se fala de qualquer outro, apesar de conhecermos os limites e as possibilidades do âmbito escolar. Quando tratamos do tema sexualidade, ainda encontramos tabus, preconceitos e a negativa em discutí-lo. Muitos se defendem, tratando a questão como pecaminosa ou suja, demonstrando ignorância, bloqueios ou tabus. Por outro lado, atualmente, há uma preocupação em discutir com os jovens nas instituições escolares, buscando-se não somente explicar seus aspectos biológicos, como também, os aspectos médicos e psicológicos, por meio da educação sexual. Estando mais conscientes e conhecedores de que a sexualidade se faz presente em todas as etapas de nosso desenvolvimento como ser humano e, à medida que se passa a refletir sobre ela e a conhecê-la melhor, teremos acréscimos de autoconfiança e autoestima, melhorando a qualidade de vida e o relacionamento interpessoal. Existe a preocupação de que a educação sexual aconteça nas escolas, uma vez que na mídia, de uma forma ou de outra, ela está acontecendo, ou como uma exploração exacerbada quanto à sensualidade humana, ou quando se veiculam quer denúncias relevantes sobre sexo, pedofilia, prostituição infantil, quer em programas que apostam em matérias de comportamento para que as pessoas se divirtam e esclareçam suas dúvidas, quer em informações a respeito de outras culturas, ou, ainda, em pesquisas ou novidades.

Seria muito importante que a família se dispusesse a buscar informações e reflexões sobre a sexualidade e a melhor forma de lidar com esses assuntos, pois é obrigação dos pais educar seus filhos para a vida e, por essa razão, eles não podem oferecer continuidade a uma educação dissociada, em que se valoriza o intelectual, o social, o espiritual, deixando-se de lado o afetivo-sexual. Evidenciar esse assunto, como os outros, é respeitar o filho e é, ainda, prevenir tantos problemas que envolvem o sexo e a sexualidade nossa e de todos. O ideal seria que a família se abrisse, proporcionando mais oportunidades aos filhos para que estes possam falar o que pensam e sentem, pois é no lar que se desenvolve uma vivência mais próxima, gerada pela convivência diária.

Sabe-se, entretanto, que a maioria dos pais não teve oportunidades de um contato maior com o tema sexualidade, não se sentindo, desse modo, aptos para lidar com esse assunto com os filhos. É importante e extremamente necessário levar para o âmbito escolar a discussão a respeito dos mais variados temas que envolvem a sexualidade, seja em vista da alegação dos pais de não se sentirem preparados para falar sobre sexo com os filhos, seja pelos elevados índices de gravidez na adolescência, seja pelas altas taxas de DST/AIDS, seja por outras razões, apesar de tantos livros, revistas, músicas, televisão, rádio, imprensa, internet, programas de computador e muitos outros canais de cultura e informação, direcionados aos jovens, tratarem sobre o assunto. Os professores seriam as pessoas mais indicadas para tratar desses assuntos, por terem mais

facilidade de propor debates e diálogos, permitindo que os escolares exponham seus sentimentos, dúvidas e ansiedades. Nesse sentido, a educação sexual não tem como finalidade somente informar, mas desenvolver as habilidades necessárias à utilização dessas informações para o exercício saudável de tudo que se relaciona ao corpo (FIGUEIRÓ, 2009).

Segundo Nunes e Silva (2000, p. 106), além de ser necessário resgatar a sexualidade humana positiva, integral, afetiva e plena, é preciso que o educador possa fazer a crítica de tudo o que se pratica, por hábito ou por costume adquirido, ao longo da vivência, e das convicções ideológicas, tendo rigor nas pesquisas históricas e científicas (FIGUEIRÓ, 2009).

Nunes e Silva (2000 apud FIGUEIRÓ, 2009) expõem que:

Tratar de sexualidade na escola requer o alicerce de uma concepção científica e humanista desta sexualidade, superando o senso comum, que é o nível primário do conhecimento social. Somente por uma abordagem histórica cultural sobre a construção da sexualidade humana, fundamentada por uma rigorosa compreensão científica do desenvolvimento psicosssexual da criança poderemos analisar as manifestações da sexualidade infantil.

Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora a respeito do comportamento sexual. Apesar da abrangência maior da sexualidade, merecem ser devidamente considerados, o papel e o valor do sexo; para isso, recorreremos a Machado (1995 apud FIGUEIRÓ, 2009b) que o define como “[...] um modo de as pessoas se encontrarem e fazerem desse encontro um momento muito agradável e prazeroso, cheio de atos carinhosos e tornando as pessoas muito íntimas e ligadas entre si.”

Pode-se inferir que quando a escola procura implantar e implementar um projeto é para atender demandas específicas do próprio contexto escolar, acerca de problemas que foram contextualizados. Assim, é essencial ouvir os jovens quanto às suas necessidades, relacionadas aos temas, que envolvem a sexualidade. Para que um projeto tenha êxito é necessária, durante a sua elaboração, a presença não apenas dos agentes escolares, mas dos estudantes e dos pais, a fim de que todos saibam o que vai acontecer, para poderem opinar em relação à sua relevância e para se sentirem mais motivados em participar ativamente. A ênfase do projeto de educação sexual deve ser a discussão em torno da temática da sexualidade sob múltiplos olhares, enfocando a prevenção e a saúde, as relações de gênero, o corpo como matriz da sexualidade, com funções biológicas, afetivas e sociais, e não procurando apenas tratar da gravidez na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis. Conseqüentemente, a escola deve conseguir integrar os conteúdos relacionados aos três eixos básicos contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): o corpo, como matriz da sexualidade, tratado

como um todo integrado em suas funções biológicas, afetivas, perceptivas e de relação social; as funções de relações de gênero, como das representações sociais e culturais, construídas a partir da diferença biológica dos sexos; e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, com ênfase na prevenção e na saúde, e não nas doenças, a fim de não se vincular a sexualidade à doença ou à morte. Deixar para discutir as questões relacionadas à sexualidade somente a partir da 4ª série ou da 8ª série ou discutir estas questões depois de o problema estar instalado, isto é, após a gravidez na adolescência, deixa de ter um caráter preventivo (FIGUEIRÓ, 2009).

Enfim, é necessário ter respeito à sexualidade infantil, o que significa respeitar a criança como um ser humano completo em capacidade de amar. Carmargo e Ribeiro (2000) consideram que qualquer conteúdo que possa ser abordado dentro desta temática terá um componente que remete à afetividade, em maior ou menor grau. Cabe ao professor favorecer atividades que aprofundem as concepções dos jovens sobre afetividade e os ajudem a conhecer o modo como se relacionam com a sexualidade, favorecendo, assim, o amadurecimento dos afetos (FIGUEIRÓ, 2009).

2.1 O CORPO E SUAS MODIFICAÇÕES, AS DOENÇAS E OS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

Quando o ser humano chega à adolescência, inicia-se um processo de transformações corporais, tanto nos meninos quanto nas meninas. Nos rapazes surgem os pelos, a barba, a voz muda, o corpo cresce. Nas meninas ocorre a primeira menstruação, os seios crescem. Mas além das mudanças físicas, existem as mudanças psicológicas. Há um afastamento dos pais e uma identificação com os grupos de amigos.

Durante os encontros de educação sexual, optou-se por trabalhar os métodos de contracepção, que foram abordados com bastante intensidade, em razão do fato de os trabalhos terem sido realizados com crianças na sua maioria de classe média baixa e as escolas possuem um número considerado de meninas grávidas. Nesses casos, percebeu-se que os adolescentes não possuíam uma bagagem de informações a respeito, pois, em primeiro lugar, os pais na grande maioria se negam a passar estas informações aos filhos, como percebido no decorrer dos encontros. Os adolescentes alegam que não perguntavam aos pais sobre sexualidade, contracepção, pois tinham medo da reação destes.

Dessa forma, o trabalho consistiu em transmitir informações a respeito da maioria dos métodos contraceptivos, explicitando o que são, qual é a importância de cada um deles, como e quando utilizar, riscos que eles podem trazer;

além disso, procurou-se deixar claro que nem todos os métodos de contracepção previnem doenças.

Os métodos trabalhados foram:

- a) Tabelinha – é um método natural, que consiste na contagem dos dias férteis, em que há a possibilidade de engravidar; com a tabelinha a mulher não deve ter relação sexual por um período de 7 a 10 dias, que é época de ovulação, podendo engravidar. Para desenvolver este método a mulher deve ser muito disciplinada, pois qualquer descuido pode engravidar, além disso, não previne DSTs, é pouco confiável e não é recomendado. Também foi trabalhado os métodos: coito interrompido, camisinha masculina e feminina;
- b) Diafragma – é uma capinha de borracha ou silicone, com aro que se molda ao colo do útero, este pode ser colocado pela própria mulher no fundo da vagina antes da relação sexual;
- c) Anticoncepcional oral – é o método mais comum entre as mulheres; encontrado em farmácias, deve ser tomado diariamente de preferência no mesmo horário, para não haver perigo de esquecimento. Estes impedem que o óvulo se prenda à parede do útero, além de modificar a qualidade do muco cervical, que impede a passagem dos espermatozoides;
- d) Injeção de hormônios – é um método que impede que a mulher ovule, assim ela não pode engravidar, funciona como pílula, mas deve ser aplicada a cada três meses ou mensalmente;
- e) Pílula vaginal – é semelhante à pílula oral, mas é introduzida na vagina diariamente, para ser absorvida pelo organismo; esta também impede que a mulher ovule;
- f) Pílula do dia seguinte – É um método de contracepção de emergência, pode ser usado até três dias após a relação sexual sem prevenção; esta impede que ocorra a fecundação do óvulo e a implantação no útero;
- g) DIU – Dispositivo Intrauterino – é uma pequena peça de plástico com hastes, introduzida no útero, impedindo que o óvulo se implante na sua parede;
- h) Laqueadura ou Ligadura de trompas – é uma esterilização feminina que consiste em uma cirurgia feita na mulher que decide não ter mais filhos; nela se cortam as trompas uterinas, impedindo a passagem do óvulo, não havendo fecundação.

Enfatizou-se que embora todos os métodos previnam a gravidez, o mais importante é a prevenção das DSTs; para a prevenção destas, é indispensável o uso da camisinha, pois apenas a camisinha e o diafragma previnem as DSTs.

O tema DSTs foi abordado com o intuito de que todos os alunos tivessem informações a respeito das inúmeras doenças que podem ser transmitidas no ato

sexual sem prevenção. Procurou-se apresentar aos adolescentes uma gama de informações sobre as principais DSTs, como também, os seus sintomas e maneiras de prevenção. As DSTs trabalhadas foram: Gonorreia, Tricomoníase, Candidíase, Cancro Mole, HPV, Herpes genital, Sífilis, AIDS-HIV.

A explanação das doenças concentrou-se bastante sobre o tema da AIDS, uma vez que é a doença mais conhecida entre os adolescentes e, mesmo assim, existiam muitas dúvidas. A AIDS é uma doença causada pelo vírus HIV, que necessita das células do sistema imunológico para se reproduzir; quando se multiplica destrói a célula, então, o sistema imunológico vai enfraquecendo e a pessoa fica sujeita aos mais diversos tipos de doenças infecciosas. Uma pessoa pode saber se é ou não portadora do vírus da AIDS por meio de exames que detectam a presença de anticorpos contra o vírus, ou que detectam a presença do próprio vírus. Ser portador do vírus não significa que a pessoa desenvolverá necessariamente a doença. O tratamento deve ser acompanhado, pois pode não ter o efeito esperado e possui um alto custo.

3 METODOLOGIA

O trabalho de educação sexual foi realizado mediante duas formas de intervenção com adolescentes dentro das escolas, sendo a primeira por meio da oficina: Sexualidade e relações humanas na adolescência,¹ com três turmas de 5^a série do ensino fundamental de uma escola de São Miguel do Oeste (SMO), desenvolvido pela Unoesc, *Campus* de São Miguel do Oeste. A oficina foi realizada por meio de três encontros com cada turma, para trabalhar os temas: O que é sexualidade para você?, Uma visão sobre as modificações corporais que ocorrem na adolescência e a vivência da Sexualidade, bem como uma explanação em relação ao namoro, e se existe uma idade ideal para o início da vida sexual, e a primeira vez. Os encontros tiveram duração de três horas cada, e foram realizados nas dependências da Unoesc *Campus* de São Miguel do Oeste. A segunda intervenção ocorreu por intermédio do projeto Transando Saúde,² com uma turma de 7^a série do ensino fundamental de São Miguel do Oeste, desenvolvido pelo SESC do referido município. O projeto Transando Saúde contou com sete encontros com a turma, na qual foram trabalhados os métodos contraceptivos, as DSTs, as mudanças corporais, os mitos sexuais, os papéis de meninos e meninas, a gravidez na adolescência, o aborto. Os encontros tiveram a duração de 1 hora e 30 minutos cada e foram realizados na própria escola, durante as aulas de Ciências.

O trabalho de intervenção foi realizado por meio de explicações a respeito dos temas, exibições de vídeos educativos, jogos, dinâmicas e caixa de dúvidas; em ambos os grupos o número de participantes do gênero masculino era superior ao gênero feminino.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho de intervenção voltou-se para o favorecimento do acesso a informações sobre a sexualidade, os métodos contraceptivos, as DSTs, as questões de gênero, os mitos sexuais, a gravidez na adolescência e demais vivências da sexualidade na adolescência.

A realização da oficina e do projeto ocorreu diferentemente em todos os grupos. Dessa forma, a apresentação dos resultados será feita separadamente.

4.1 OFICINA: SEXUALIDADE E RELAÇÕES HUMANAS NA ADOLESCÊNCIA

No primeiro encontro com as três turmas, trabalhou-se o tema: O que é sexualidade para você? Assim, o trabalho iniciou-se com uma dinâmica de “quebra-gelo” que visava à apresentação da proposta de trabalho, e com a qual se procurou conhecer os participantes do grupo, bem como identificar a demanda destes, por meio de uma técnica denominada caixa de dúvidas. Mediante essa técnica, buscou-se verificar as dúvidas dos adolescentes em relação à sexualidade.

Através dessa técnica percebeu-se que esses pré-adolescentes possuíam muito conhecimento prático a respeito do assunto, no entanto, pouco conhecimento teórico sobre a sexualidade humana.

Convém ressaltar que na turma da manhã, os assuntos levantados foram referentes à paixão, ao amor. Eram dúvidas mais “inocentes”, e o grupo se manteve focado no tema, comportado, levando o assunto a sério e mostrando-se interessados com tudo o que poderiam vir a apreender. A discussão referente a algumas dúvidas como: “perder a virgindade dói?”, deixavam o grupo um pouco constrangido, mas as respostas sempre se voltavam à importância de amar o companheiro.

Por sua vez, nos dois grupos do período vespertino, as discussões em relação às dúvidas, geravam respostas ousadas. Pode-se ressaltar que grande parte das meninas das turmas da tarde já havia iniciado sua vida sexual.

Durante o trabalho das mudanças corporais nos meninos, relatou-se que ocorrem transformações no corpo, como crescimento de pelos, que a voz do menino fica mais grossa, e que este, durante à noite, pode ter episódios de poluição noturna, na qual libera espermatozoides. Diante disso, um participante perguntou se esse líquido liberado era o “gozo” do homem. Uma menina participante do grupo falou: “[...] é um leitinho, parecido com leite condensado, mas não tão doce [...]” (informação verbal).

Os participantes também levantaram dúvidas a respeito sexo com animais e da possibilidade de gravidez nesses casos. Explicitou-se que a prática de sexo com animais era um transtorno, e que essas pessoas deveriam procurar

ajuda psicológica. Os meninos comentaram também os horários em que passam filmes pornôis na televisão, afirmando que os assistem constantemente.

Outros assuntos discutidos no decorrer do primeiro encontro foram referentes à perda da virgindade, a idade para começar sexualmente, o processo de nascimento de um bebê, e como ocorre uma relação sexual. Uma menina relatou como ocorre o ato sexual, com base em sua experiência com seu namorado.

Para explicar a relação sexual e como ocorre à concepção, foi passado um vídeo intitulado de “amor e sexo”, do doutor Drauzio Varella. Após a passagem do vídeo, houve a explicação das diferenças entre Sexo e Sexualidade; sexo é o ato em si, a transa, e sexualidade é o carinho, a afetividade, o prazer, o amor, o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque, a intimidade e o sexo. Inclui os valores e as normas que cada sociedade e cultura elaboram sobre o comportamento sexual.

Trabalhou-se o ciclo menstrual da mulher e a questão de como identificar uma possível gravidez. E diante disso, uma menina declarou, que há um tempo atrás sua menstruação parou de vir, que seus seios cresceram e seu corpo mudou, que ela foi levada ao médico, e que sua avó lhe preparou chás, que então sua menstruação voltou e que o médico disse que ela não estava grávida. Em virtude da emergência desse tema, optou-se por trabalhar os métodos contraceptivos e, mais uma vez, evidenciou-se o conhecimento errôneo que esses adolescentes possuem sobre a sexualidade. “[...] Não tenho problema de engravidar, pois quando estou menstruada não faço sexo [...]” (informação verbal). Frente a essa constatação foi trabalhado o fato de que a mulher possui alguns dias férteis por mês, e que no caso de não existir a fecundação do óvulo, ele é liberado por meio da menstruação, o que significa que a mulher não engravidou.

Um outro assunto debatido foi em relação a homossexualidade masculina e feminina, decorrente de uma dúvida, sobre o que é o *Gay*? Respondeu-se que havia a opção de a pessoa em escolher se gosta do mesmo sexo, ou do sexo oposto. E que indiferente da opção sexual que cada um assumia, deveríamos respeitar sua opção sexual. Diante disso explicou-se que a heterossexualidade é a atração erótica e afetiva por pessoas do sexo oposto. Já a homossexualidade é a atração erótica e afetiva por pessoas do mesmo sexo. Os homossexuais não mudam o sexo físico (o homem não “vira” mulher e nem a mulher “vira” homem), eles apenas sentem atração pelo mesmo sexo, mas continuam sendo homem ou mulher. Em virtude desse assunto, os participantes levantaram dúvidas a respeito da relação sexual entre dois homens, e entre uma mulher e dois homens. Sendo que um dos participantes falou: “[...] um homem dá o ânus para o outro [...]” (informação verbal).

Outra dúvida que apareceu: “Há problema de uma menina de 12 anos fazer sexo com um cara de 28 anos?” (informação verbal). Trabalhou-se a dúvida explicando que manter relações sexuais com meninas menores de idade é crime, que a pessoa poderia ser presa. Diante disso, outra participante perguntou se dar selinhos e beijos também era proibido. Respondemos que isso era crime, que

os pais que faziam isso com suas filhas, ou que qualquer pessoa que fizesse isso com crianças, era crime. E a participante respondeu: “[...] então todo mundo deveria estar preso [...]” (informação verbal).

Trabalhou-se também, assuntos relacionados a namorar escondido e a importância da conversação com os pais, mesmo que tenha se tornado evidente que com exceção de pouquíssimos casos, não há conversas entre pais e filhos sobre sexualidade e aspectos relacionados.

Encerrou-se o primeiro encontro da oficina, passando um vídeo do Dráuzio Varella, intitulado de Adolescência.

O segundo encontro trabalhou-se o tema adolescência e vivência da sexualidade, e esclareceram-se dúvidas referentes à relação sexual; métodos contraceptivos; Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs); menstruação; masturbação; pênis; vagina, gravidez. Foram exibidos vídeos sobre os métodos contraceptivos e DSTs, e imagens detalhando cada órgão sexual do aparelho reprodutor, as modificações corporais presentes na adolescência, ressaltando os cuidados necessários com cada estrutura para que todo o corpo funcione bem.

Para o terceiro encontro, sentiu-se a necessidade de mudança do tema: “namoro e primeira vez”, para um encontro em que houvesse a separação de gêneros, sendo, dessa forma, possível focar o trabalho nas dificuldades encontradas e percebidas em cada gênero, mas sem esquecer de trabalhar o tema proposto. Percebeu-se que, dessa forma, as meninas se sentiram mais à vontade para tirar suas dúvidas.

4.2 PROJETO TRANSANDO SAÚDE

O projeto Transando Saúde teve início em maio de 2010, e o primeiro dia de trabalho começou com uma dinâmica de apresentação, na qual se procurou integrar e conseguir a confiança do grupo. A dinâmica consistiu em que cada membro do grupo se apresentasse e falasse a respeito de suas expectativas quanto ao projeto.

Em seguida, conversou-se sobre sexualidade, e os conhecimentos que os estudantes possuem em relação ao o tema, como ocorre o diálogo entre estes e seus pais. Os participantes do grupo relataram que não conversam com seus pais sobre a sexualidade, a respeito de como eles nasceram, por sentirem vergonha, ao mesmo tempo que relatam que os pais também não conversam com eles sobre esse assunto.

Também foi conversado a respeito da revista Transando Saúde que cada um recebeu, e solicitou-se para que lessem em casa e a trouxessem para os próximos encontros, uma vez que esta serviria de guia.

No segundo encontro por sua vez, foi trabalhado com os alunos o aparelho reprodutor feminino e masculino, por meio da revista Transando saúde e de cartazes explicativos. Após a explanação do assunto, abriu-se um espaço de tira-

dúvidas, onde os participantes perguntavam e as monitoras buscavam esclarecer as dúvidas.

Para o terceiro encontro, organizaram-se 30 questões em relação aos assuntos já trabalhados e questões sobre o material da revista. Pediu-se que a turma se dividi-se em dois grupos, com dez alunos cada, e se organizassem de tal forma que ficassem de frente uns para os outros.

A brincadeira com as perguntas funcionava da seguinte maneira: um membro do grupo retirava uma questão da caixinha para o outro grupo responder. O que respondia, ao acertar, retirava de uma segunda caixinha, um papel que continha o número de pontos que recebiam respectivamente. Por meio dessa brincadeira, obteve-se a atenção de todos os alunos, que participaram ativamente e ficaram curiosos para saber quem seria o ganhador. Percebeu-se que até mesmo aqueles participantes mais tímidos e quietos se empenharam em participar. Depois de terminada a brincadeira, foram feitas algumas fotografias e agendou-se o próximo encontro.

O quarto encontro contou com a presença de 17 adolescentes. Para a atividade do dia, havia-se combinado a realização de uma dinâmica de reflexão sobre futuro profissional e gravidez aos alunos, por meio do jogo intitulado: *Vale Sonhar* (INSTITUTO KAPLAN, 2005), através da dinâmica Despertar para o Sonho, que necessita para sua realização testes de gravidez (imitação do teste de urina); bexigas; um bloco com folhas impressas para os alunos relatarem o sonho e a viagem virtual proposta na oficina e um livreto com as consignas da viagem virtual. O objetivo do sonho é relatado por uma frase de Teotônio Vilela: “O sonho é próprio de todos nós. Não há nenhuma realidade sem que antes se tenha sonhado com ela.”

A dinâmica começou com a distribuição de cartelas de gravidez aos alunos; destas, sete (7) eram positivas e nove (9) negativas. Explicitou-se aos alunos o que significava a cartela, e a diferença entre a positiva e a negativa. Os alunos que possuíam as cartelas positivas foram convidados a encher uma bexiga de ar e colocar embaixo do casaco, representando a gravidez.

Em seguida, deu-se continuidade ao trabalho, solicitando aos adolescentes que pensassem em um sonho profissional que possuem e, que o anotassem. Os sonhos anotados pelos adolescentes foram: Eu gostaria de ser engenheiro, arquiteto, sargento, veterinário, advogado, aviador, rico, engenheiro agrônomo, do exército, da polícia, jornalista, jogador de futebol, médico, engenheiro civil, engenheiro mecânico, modelo, seguir a profissão dos meus pais e ter filhos (informação verbal).

Na sequência iniciou-se a viagem no tempo, na qual os adolescentes fecharam seus olhos e refletiram a respeito das indagações que lhes eram feitas enquanto os anos passavam, os adolescentes eram questionados a refletir sobre sua vida, seu trabalho, sua casa, as pessoas com quem convivem, o que sentem, o que pensam, o que mudou, se o sonho se realizou, ou foi mudado durante os anos. A viagem durou dez anos, terminando no ano de 2020, quando o retorno

para o presente, ano de 2010 ocorreu. Durante essa parte da dinâmica, a maior parte dos alunos se concentrou desde o início, alguns resistiram um pouco mais, avaliando se os colegas de fato estavam com os olhos fechados e pensando, mas, aos poucos, todos se concentraram e se empenharam em refletir sobre a atividade que lhes estava sendo proposta.

Em seguida, foi solicitado que terminassem de preencher a folha que receberam, com questões como: Você viajou grávida(o)? Você realizou seu sonho? O que você fez para realizar seu sonho? O que facilitou ou dificultou a realização de seu sonho?

Dessas perguntas, 15 adolescentes responderam que realizaram seu sonho, e dois não o realizaram. Dos que responderam que realizaram seu sonho, as respostas para o que você fez para realizar seu sonho, concentraram-se em torno do esforço em estudar bastante, da dedicação ao trabalho, de não desistir frente às adversidades, como pode ser percebido na fala de um dos participantes: “[...] Eu me dediquei ao máximo, dei o melhor de mim, e em momento algum desisti do meu sonho [...]” (informação verbal).

Quanto ao quesito do que facilitou e o que dificultou à realização do sonho, as respostas variaram entre ter estudado bastante, não desistir do sonho, não estar grávida, o apoio da família e dos amigos, prestar atenção nas aulas, não precisar trabalhar enquanto estudam.

Dessa forma, percebe-se, que a grande maioria dos adolescentes visualiza o seu futuro profissional como algo que precisa de muito estudo e dedicação.

Depois de os adolescentes terem respondido às perguntas, conversou-se com eles a respeito dos sentimentos vivenciados durante a experiência. Estes relataram que: “[...] foi legal, pois tiveram a oportunidade de se imaginarem no futuro. (informação verbal).

Em seguida, comentou-se sobre as diferenças entre uma gravidez na adolescência para meninas e meninos; todos acreditam que para a menina há mais dificuldade e consequências negativas, uma vez que esta terá de abandonar os estudos para cuidar da criança, começar a trabalhar e passará por mudanças corporais; enquanto que os meninos teriam de começar a trabalhar para pagar pensão, fugir ou se livrarem da garota grávida. Este fato chamou bastante atenção, pois vários adolescentes levantaram essa hipótese, de matar a criança ou ainda a própria adolescente grávida. Procurou-se levantar hipóteses para a reflexão como: E se teu pai tivesse feito isso com a tua mãe? Você mesmo iria abandonar um filho teu? Como seria se você não conhecesse seu pai? Um adolescente então falou: “[...] a gravidez não iria acontecer se eles sempre usassem camisinha.” (informação verbal).

Por fim, todos concordaram que uma gravidez na adolescência prejudica em muito a vida, tanto da menina quanto do menino.

O encontro terminou com a distribuição dos bombons referentes à dinâmica realizada no encontro anterior e o próximo encontro foi agendado.

No quinto encontro realizou-se uma exposição mais didática dos assuntos, concepção, métodos contraceptivos e aborto. Começou-se com a exibição de um comercial que mostra um menino e uma menina, e a paquera entre eles. Em seguida, abriu-se espaço para os adolescentes comentarem o vídeo, como, por exemplo, a questão da paquera, da timidez na idade deles. O trabalho continuou com a abordagem dos temas citados, utilizando-se a ferramenta de exibição de vídeos, para que os alunos pudessem entender melhor os assuntos, como a concepção. Para tanto, exibiu-se um vídeo intitulado “O Corpo Humano 1- sexo”³. Assim, os alunos puderam visualizar o caminho que o óvulo efetua todo mês, como e porquê ocorre a menstruação, e como ocorre a fecundação. Também foi exibido um vídeo intitulado “conversa íntima: informações sobre métodos contraceptivos”,⁴ que conta a história de uma menina que seguiu a tabelinha como método contraceptivo, e imagina estar grávida. O vídeo vai mostrando a tristeza e o medo da garota de falar com seus pais de sua possibilidade de gravidez, enquanto um médico vai explicando os métodos que a garota poderia ter usado, como camisinha e a pílula.

Percebeu-se que havia diversas dúvidas dos alunos quanto à questão da homossexualidade e, diante disso, optou-se por trabalhar esse tema. Um aluno levantou a dúvida se homossexualidade era pecado, e debateu-se a respeito da questão com os adolescentes para compreender-se o que de fato estes pensavam sobre o assunto. Em seguida, propôs-se uma discussão em relação aos papéis de menina e menino, no sentido de que tal atividade é coisa de homem e isso é coisa de mulher. Percebeu-se, no entanto, que esses alunos não possuem uma visão de que existem atividades, ou atitudes específicas para cada gênero.

Trabalhou-se também um pouco sobre sexualidade e deficiência. Procurou-se em razão desse assunto, lembrar aos adolescentes que vontades e desejos são comuns a todo ser humano, bem como suas necessidades de satisfação. E que a atividade sexual pode ser vista como uma forma de busca por segurança e proteção, ou seja, estabilidade; e a conduta sexual do indivíduo é o resultado da interação dele com tudo que o envolve. Que o adolescente com deficiência se interessa pelo assunto e não pode ser privado de um contato social e de uma orientação sobre sua sexualidade, e que não devem ser excluídos.

Nesse encontro também se procurou trabalhar alguns mitos sexuais com os alunos, indagando-os a respeito do fato de já terem ouvido algum mito, ou se possuem alguma história que alguém contou e sobre a qual possuem dúvidas. O encontro terminou com uma explanação sobre o aborto e o abandono de crianças, assuntos que surgiram nos encontros anteriores.

O sexto encontro contou com a participação de 18 alunos. Optou-se por trabalhar por meio de uma dinâmica, pois, assim, os adolescentes participam mais ativamente. Dividiu-se a turma em dois grupos, e iniciou-se uma dinâmica integrante do jogo intitulado *Jogo de corpo*, do Instituto Kaplan (2005a). O objetivo dessa dinâmica é o trabalho dos métodos contraceptivos, para tanto, utilizaram-se

os cartões de contracepção, que incluíam: Camisinha, camisinha feminina, pílula anticoncepcional, pílula do dia seguinte, DIU, Diafragma, tabelinha, muco cervical, adesivo transdérmico, espermicida, implante, injetável, anel vaginal. Ambos os grupos precisavam escolher um cartão, criar uma estratégia de venda, e tentar vender o produto para o outro grupo. O grupo que compraria o produto tinha de tirar todas as suas dúvidas a respeito do produto, como o modo de usar, as contra-indicações entre outros, antes de comprar o produto. Foi uma dinâmica bem divertida e, que ajudou os participantes a perceberem que de fato o único método que previne contra doenças é a camisinha, pois, em alguns casos, a pessoa que estava vendendo o produto alegava que o produto prevenia contra doenças, e então os compradores afirmavam que ele estava fazendo propaganda enganosa e não compravam o produto. Para finalizar, abriram-se espaços para eventuais dúvidas.

Em seguida, passou-se para outra dinâmica do *Jogo de corpo*, do Instituto Kaplan (2005a), intitulada de doenças sexualmente transmissíveis, com o objetivo de identificar e ampliar o conhecimento dos participantes sobre AIDS e DSTs. Para tanto, dividiu-se a turma em quatro grupos, dois grupos de cinco, e dois com quatro integrantes. Cada grupo recebeu um envelope que continha cartões com perguntas e respostas. Os grupos se revezavam para fazer perguntas para os outros grupos, e, em seguida, discutiam-se as respostas. Algumas das perguntas do jogo: Uma pessoa que não lava seus genitais (pênis e vulva) de forma adequada tem mais chance de pegar uma DST? A resposta correta seria: sim, pois a falta de higiene favorece a produção de uma secreção que se aloja nos genitais e que pode ser uma fonte de infecções. No casal, a quem cabe o papel de solicitar o uso da camisinha? A resposta certa seria: aos dois. Quem usa outro método anticoncepcional também precisa usar camisinha? Resposta correta: Sim, porque a camisinha é o único método que previne as DSTs. Dá para perceber quando uma pessoa é portadora do HIV? Resposta correta: não.

Foram realizadas várias rodadas de perguntas, e algumas demandaram mais atenção, entre elas pode-se citar: Uma mulher com HIV necessariamente passa a doença para seu filho durante a gravidez? A maioria dos adolescentes acreditava que sim e, então, procurou-se esclarecer que não necessariamente, que a chance é bem pouca se a mãe faz o acompanhamento pré-natal e se os médicos tomarem o cuidado necessário na hora do parto, bem como o fato de que a mãe não deverá amamentar seu bebê. Se caso o vírus HIV for transmitido ao bebê, este poderá fazer um tratamento com AZT para que possivelmente possa se curar da doença.

No sétimo e último encontro, trabalharam-se questões relacionadas ao aprendizado que os adolescentes tiveram durante os encontros e a caixinha de dúvidas. O encontro contou com a participação de 16 alunos.

Para os adolescentes as aulas de educação sexual realizadas por meio deste projeto foram muito importantes, pois possibilitaram o conhecimento sobre o corpo, as doenças e os métodos de prevenção. Como pode ser percebida nas

respostas a pergunta sobre a importância de trabalhar questões sobre a sexualidade durante as aulas. “[...] Sim, pois assim conhecemos melhor nosso corpo. [...] Sim, porque tira as dúvidas sobre muitas perguntas. [...] sim, aprendi várias coisas que não sabia [...]” (informação verbal). Os adolescentes caracterizam a sexualidade como: “[...] Sexualidade é você apreender e saber o que está acontecendo, e o que pode acontecer durante e após o sexo, para que você entenda o que acontece com você e com seu parceiro. [...] são formas de prazer. [...] é o prazer de se sentir bem com o outro na relação sexual. [...] é todas as maneiras de sentir prazer [...]” (informação verbal). Quanto à pergunta a respeito do conhecimento que possuíam sobre sexualidade ser igual ou diferente ao que repassamos, as respostas dos adolescentes se dividiram. Mais da metade deles afirmou que os conhecimentos que possuíam eram diferentes, como pode ser visto na fala de um dos participantes: “[...] Sim, era só falar besteira entre amigos. Agora achei o assunto sério [...]” (informação verbal). Outros, no entanto, afirmaram que o conhecimento que tinham era igual ao que repassamos, só que não conheciam tudo sobre o que falamos, como evidenciado na fala do participante: “[...] Não. Só não era tão aprofundado [...]” (informação verbal).

Por fim, a importância do trabalho pôde ser percebida de acordo com os agradecimentos dos participantes do projeto *Transando Saúde*. “[...] Obrigado por tudo. Aprendi muitas coisas que não sabia sobre sexualidade. [...] Esse trabalho é muito importante nas escolas. [...] Continuem repassando conhecimentos e ajudando os jovens [...]” (informação verbal).

O encerramento do projeto ocorreu com a entrega de um bombom e uma mensagem a cada participante. A mensagem dizia que a sexualidade era igual ao amor, prazer e informação e que deveriam se lembrar que o importante é agir com consciência, pensando na consequência dos seus atos.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira característica encontrada por intermédio das intervenções foi que, com exceção de pouquíssimos casos, não há conversação entre pais e filhos sobre sexualidade e aspectos relacionados, o que faz com que muitos desses adolescentes possuam conhecimentos errôneos em relação ao assunto e um desconhecimento a respeito das diferenças entre sexo e sexualidade.

É como se os pais desses adolescentes não aceitassem que a sexualidade está presente na vida das pessoas desde que nascem. Segundo Maistro (2009), a questão da educação sexual acontece constantemente, em casa, pela televisão e internet, pelas revistas e jornais. Dessa forma, se os pais e educadores se omitirem em relação a tudo que se refere a sexo, essa atitude se refletirá nos adolescentes, levando-os a considerarem que sexo é uma coisa secreta e que é vergo-

nhoso falar sobre ele (MAISTRO, 2009). Quando as pessoas, os pais e a escola se omitem, estão permitindo que esse assunto seja tratado informalmente, na rua, sem uma orientação segura (MAISTRO, 2009).

Segundo Maistro (2009), seria muito importante que a família se dispusesse a buscar informações a respeito da sexualidade e melhor maneira de lidar com esses assuntos, “[...] pois é obrigação dos pais educar seus filhos para a vida e, por essa razão, eles não podem dar continuidade a uma educação dissociada, em que valoriza o intelectual, o social, o espiritual, deixando-se de lado o afetivo-sexual.” (MAISTRO, 2009, p. 43). Para Maistro (2009), o ideal seria que a família se abrisse, oferecendo oportunidade para que os filhos falassem o que pensam e sentem. Se a família conseguisse abrir esse espaço, realizaria o trabalho de educação em sexualidade melhor da que qualquer instituição pela vivência próxima.

Parece que as famílias esperam que a escola se responsabilize por transmitir esses assuntos aos estudantes, assumindo o papel que seria da família. Por sua vez, percebe-se um despreparo e uma insegurança por parte dos professores em lidar com esses assuntos. A escola participa indiretamente da educação sexual. A escola permite ou proíbe certas manifestações, ao optar por informar os pais a respeito das atitudes dos seus filhos, ao reforçar ou desencorajar um comportamento ligado aos papéis sexuais. A escola está sempre transmitindo valores, mais ou menos rígidos, de acordo com a sua cultura e as crenças dos seus profissionais (INSTITUTO KAPLAN, 2005a, 2005b).

Na escola, a orientação sexual é uma intervenção no processo educacional de caráter preventivo, intencional e sistemático, por meio de informações e reflexões sobre a sexualidade. E não visa a concorrer ou substituir a função da família. Para que haja educação sexual na escola, é preciso que a escola adote uma posição filosófica e que ofereça uma capacitação dos professores para desenvolver o conteúdo específico sobre sexualidade, usando uma metodologia participativa (INSTITUTO KAPLAN, 2005a, 2005b).

Dessa forma, o trabalho da escola não deve se resumir apenas às aulas de ciências e ao trabalho biológico, mas deve focar os aspectos emocionais, psicológicos, éticos e culturais. Segundo o Instituto Kaplan (2005a, 2005b), para se realizar o trabalho com adolescentes nas escolas, é preciso adotar a visão de homem como ser dinâmico, na relação com os outros e com as circunstâncias, pois é nesse espaço que o adolescente adquire conhecimento.

Outro fator importante percebido por meio das intervenções com os adolescentes foi o fato de a mídia transmitir a sexualidade de uma forma exacerbada. Segundo um dos participantes “[...] é só assistir as 3, 4 horas da manhã na televisão, tem de tudo, é filme pornô que passa [...]” (informação verbal).

Assim, percebe-se que quando os pais se eximem de controlar a programação que seus filhos assistem, ou se omitem diante da necessidade de conversar a respeito da sexualidade, a educação sexual desses adolescentes passa a ocorrer por intermédio da mídia. Segundo Feijó e Oliveira (2001), a mídia é um dos prin-

cipais agentes de influência sobre os adolescentes, e não somente no que se refere à televisão e internet, mas também pelo cinema, videogames e músicas. “Sendo um dos principais alvos para o consumo, as crianças e adolescentes recebem diariamente informações através da mídia, as quais, muitas vezes, são inadequadas as suas necessidades ou desproporcionais a sua fase de desenvolvimento, gerando uma simplificação e banalização de conceitos éticos, morais e sexuais.” (FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001). Os mesmos autores ainda lembram que os modelos de comportamentos que são apresentados pela mídia são associados à violência.

Diferentemente dos adultos, as crianças e os adolescentes estão mais susceptíveis à influência de modelos apresentados pela mídia, na razão direta de sua faixa etária e desenvolvimento. Crianças de 2 a 8 anos de idade estão em maior risco da influência de modelos de violência, enquanto na pré-adolescência a influência sobre comportamento sexual e uso de drogas é mais significativa. Durante o processo da adolescência, os jovens estarão mais vulneráveis às influências externas, tornando-se um alvo mais direto da mídia, principalmente quando modelos de funcionamento adulto estão ausentes na família. (FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001).

Para Feijó e Oliveira (2001), o pensamento mágico presente nos adolescentes facilita que estes se identifiquem com os personagens e, assim, vejam os problemas de forma simplificada e imaginando um final feliz.

Segundo Lopes et al. (1993), a mídia transmite diversas mensagens que ressaltam o apelo sexual. O corpo e a sensualidade tem sido exaustivamente usados para divulgar e vender desde sabão em pó até toalhas de banho, mostrando a sexualidade como um produto facilmente consumível.

Quanto à reflexão de assuntos relacionados a métodos de prevenção, como o uso de preservativos, um aluno nos questionou: “[...] Sim, como vamos usar camisinha, se com nossos pais não conversamos e se somos muito novos para buscar no posto de saúde e se não temos dinheiro para comprar?[...]” (informação verbal).

Diante dessa realidade e do fato de saber-se da importância do uso do preservativo como forma de prevenir as DSTs e a gravidez, que se discute a respeito da necessidade de encontrar alternativas para resolver esse impasse. É preciso que os educadores e profissionais da saúde se reúnam com os pais e busquem alternativas, uma vez que os adolescentes manifestam o desejo de se prevenir, mas não sabem como. Existe em voga uma discussão em relação à implantação das máquinas de camisinhas nas escolas, pela qual a opinião se divide em contra e a favor. Com certeza, a implantação da máquina não resolverá a questão, é preciso existir um diálogo entre pais e filhos, e no caso da implantação das máquinas, é preciso que haja um trabalho de educação sexual com os adolescentes e suas famílias.

Durante as intervenções com os adolescentes, perceberam-se verbalizações quanto à prática sexual. Diversos adolescentes relataram já terem iniciado sua vida sexual, e muitos destes afirmaram que seus pais não sabem, pois namoram escondido. Segundo Azevedo e Abdo (2006), os adolescentes vêm iniciando a vida sexual cada vez mais cedo e em sua maioria, não fazem uso de preservati-

vos. A ocorrência de gravidez e das DSTs em adolescentes, muitas vezes causada por desconhecimento, passou a ser o principal foco da denominada educação sexual. É preciso observar que na faixa etária da população estudada, por Azevedo e Abdo (2006), que abrange dos 10 aos 15 anos de idade, cerca de 4,5% dos adolescentes já têm relações sexuais completas. Contudo, os pais preferem não falar com os filhos, pois acham que ainda são muito novos e há, ainda, aqueles que nunca falam sobre o tema. Para Azevedo e Abdo (2006), mesmo conhecendo as DSTs, metade dos jovens que já teve relação sexual completa não usou preservativo, incorrendo em comportamento de risco, ainda que a quase totalidade soubesse dos métodos preventivos. Grande parte dos jovens que ainda não teve relações completas já se envolveu em masturbações mútuas ou sexo oral.

Dessa forma, não há como a escola fechar os olhos ante a importância que a sexualidade representa na vida dos adolescentes. É na escola, com os colegas, que os jovens compartilham suas experiências, muitas vezes, de forma exagerada e errônea, e é na escola que esses adolescentes sentem uma abertura para falar a respeito do assunto, tirar suas dúvidas, espaço que não possuem em casa; é por isso que os professores precisam se sentir capacitados para lidar e enfrentar as situações e não fechar esse espaço, estando dispostos a conversarem abertamente sobre sexualidade e fazerem a educação sexual funcionar de fato nas escolas.

Se a escola fechar esse espaço, no qual os adolescentes demonstram interesse em conversar, eles passarão a ver a sexualidade como pecaminoso e passarão a namorar escondido, estando sujeitos às DSTs, gravidez e a transmissão de diversos conhecimentos errôneos, que levarão outros adolescentes a incorrer no erro.

Um tema bastante emergente durante os encontros foi sobre a responsabilidade de o garoto em assumir a paternidade e as questões do abandono do bebê e da possibilidade de realização de um aborto. Diante disso, percebeu-se que os adolescentes não têm a real dimensão do que significa se tornarem pais e mães, ou das consequências para a vida de uma criança que foi abandonada, ou do aborto e do abandono do companheiro na vida da garota.

Segundo Vilela (2010), a frase “Deu positivo! Você será pai!”, é a frase mais temida pelos garotos depois que eles se envolveram sexualmente com uma menina e não se preveniram. No caso de gravidez, a relação do casal de adolescentes se desestrutura, pois, “por um lado, a garota sempre sabe que é a mãe do bebê; por outro, o garoto pode duvidar que é o pai, principalmente, quando não há um vínculo de confiança ou a confirmação por meio do teste de DNA.” (VILELA, 2010). Nessa hora de tomar decisões surge o sentimento de responsabilidade em reconhecer a paternidade, e isso implica segundo o mesmo autor, não apenas em assumir que é o pai, mas ajudar a pagar algumas contas, cuidar do bebê. “Ser pai significa participar do desenvolvimento do filho pelo contato com a mãe e a criança na alimentação e nos cuidados, estabelecendo uma relação amorosa com o filho. Isso, em geral, somente ocorre quando o garoto reconhece a paternidade de forma voluntária.” (VILELA, 2010). O apoio dos pais do garoto que vai se tornar pai também é fundamental.

Durante os debates das consequências de uma gravidez na adolescência e o compromisso do pai em assumir sua responsabilidade, surgiram por diversas vezes, questões relacionadas ao aborto, ao abandono da criança ou a morte da mãe e do bebê. Assim, mais uma vez, perceberam-se as consequências que a mídia exerce sobre os adolescentes, pois a questão de matar mãe e bebê surgiu em decorrência de notícias em voga na mídia, a respeito de pessoas que mataram suas companheiras como forma de não precisarem assumir sua responsabilidade de pai e pagar pensão ao filho.

Segundo Vilela (2010) “Muitos garotos, inseguros e medrosos, tornam-se indiferentes diante das namoradas grávidas e de seu filho. Já outros adolescentes querem exercer a paternidade, mas, vulneráveis economicamente, sofrem pressões para não assumir a criança que vai nascer, uma vez que a chegada deste filho pode atrapalhar os planos da família.”

De certa forma, percebeu-se que os adolescentes veem a gravidez como um obstáculo para a realização dos seus sonhos, pois os garotos teriam de parar de estudar e começar a trabalhar para sustentar o filho, enquanto as garotas teriam de abandonar os estudos para cuidar do bebê. Diante disso, enfocou-se, a importância da prevenção, pois, dessa forma, não teriam de pensar em fugir, abandonar o bebê ou matá-lo. Trabalhou-se bastante a reflexão sobre os sentimentos de uma criança abandonada por seus pais e o sentimento de culpa do garoto por abandonar a garota grávida e as consequências de um aborto no psicológico da pessoa que o comete.

6 CONCLUSÃO

A informação e a prática da sexualidade tornaram-se progressivamente um tema relevante no campo educacional de adolescentes, especialmente com o início precoce da atividade sexual e o advento da AIDS. A sexualidade é um tema que cada vez mais faz parte do diálogo dos adolescentes com seus amigos. A falta de informações e o desconhecimento da sexualidade fazem com que experiências sexuais prematuras favoreçam a aquisição de DST e sejam responsáveis por danos emocionais e pela gravidez precoce.

Adolescentes que recebem orientação dos pais e os percebem disponíveis e acessíveis para conversar apresentam menos comportamentos de risco. Para os jovens deste estudo, os pais não foram a principal fonte em que buscavam informação sobre sexualidade, uma vez que os pais não se comunicavam com os filhos a respeito do assunto. Porém permitiram que seus filhos participassem das aulas de educação sexual, o que mostra que estão acessíveis, e que talvez não falem sobre o tema por se sentirem constrangidos e não saberem ao certo como repassar seus conhecimentos. Conforme estudos, o bom relacionamento com os pais posterga o início das atividades sexuais.

Neste estudo, os colegas e o meio cultural foram os fatores que exerciam a maior influência sobre a aquisição de conhecimentos referentes à sexualidade e são responsáveis por significativas reações emocionais. A escola passou a ser considerada importante fonte de informações pela maioria dos adolescentes, porém, poucos foram os que recorreram ao professor para obter informações pessoais, pois expressavam que sentiam liberdade de conversar abertamente sobre o tema, apenas durante os encontros. Dessa forma, todos avaliaram como positivo o trabalho desenvolvido durante o projeto Transando Saúde e o curso Sexualidade e Relações Humanas na Adolescência. Isso sugere dificuldade dos professores para a individualização de atendimento na escola e/ou adequada confiança no relacionamento com os pais. A escola deve refletir sobre o limitado poder de influenciar o comportamento dos jovens no campo da sexualidade e desenvolver novas capacitações para que os professores estejam aptos a trabalhar questões relacionadas à sexualidade que surjam durante as aulas. Os adolescentes costumam expressar-se por meio de piadinhas, e se o professor não souber lidar com isso, tornará o tema um tabu e os adolescentes não terão coragem para tirar suas dúvidas na escola, passando a estar vulneráveis a receber informações errôneas nas ruas, uma vez que a comunicação com os pais também não ocorre como deveria.

Muitos estudos e trabalhos ainda devem ser desenvolvidos, para que se consiga encontrar a melhor maneira de trabalhar a educação sexual, integrando a escola, a família e os adolescentes. Para que a educação sexual atenda às expectativas desses adolescentes tão ansiosos por conhecer seus corpos e tirar suas dúvidas sobre esse assunto tão emergente em suas vidas.

¿Usted sabe lo que es sexualidad? Relato de experiencia de talleres de educación sexual en la escuela

Resumen

Este artículo relata las experiencias de trabajo académico por los monitores de la Psicología y la Biomedicina, que trata de ofrecer talleres de sexualidad y el proyecto en dos escuelas públicas de São Miguel do Oeste, SC. El propósito de estos estudios fue evaluar los conocimientos de los estudiantes sobre la experiencia de la sexualidad y la vida de la sexualidad de los adolescentes, y promover el debate y la reflexión sobre cuestiones relacionadas con la sexualidad y el uso de métodos anticonceptivos, enfermedades de transmisión sexual, las relaciones de género, los mitos sexuales y embarazo de adolescentes. Este estudio también investiga la importancia de la inclusión de los estudios relacionados con la sexualidad en la escuela. Los recursos utilizados fueron: dinámicas de grupo, juegos educativos, videos educativos y conferencias. Los adolescentes participaron en los talleres con ejemplos, discutiendo y haciendo preguntas. Se pudo ver el final de este proceso un

aumento en el nivel de información de los adolescentes, promoviendo la adopción de acciones preventivas y la reflexión y la desmitificación de la sexualidad.
Palabras clave: Sexualidad. Taller. Adolescencia. Escuela. Educación Sexual.

Notas explicativas

¹ A oficina foi coordenada pelas acadêmicas de Psicologia Carlise Inês Groth, Celine Luciana Thomé e Daiane Signor.

² O projeto foi coordenado pela acadêmica de Psicologia Carlise Inês Groth e a acadêmica de Biomedicina Beatriz da Silva Rosa.

³ O vídeo pode ser encontrado no *link*: <<http://www.youtube.com/watch?v=UdUCa2nmuFY>>. Acesso em: 1 set. 2010.

⁴ O vídeo pode ser encontrado no *link*: <<http://www.youtube.com/watch?v=KRBHp1OAcI0>>. Acesso em: 1 set. 2010.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Gabriela Eitelberg. ABDO, Carmita Helena Najjar. Adolescentes de classe média do ensino fundamental: prática e conhecimento da sexualidade. **Pediatria**, São Paulo, p. 184-190, 2006. Disponível em: <<http://www.pediatria-saopaulo.usp.br/upload/pdf/1177.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC, 1997.

CAMAEGO, Daniel. **As emoções e a escola**. Curitiba: Travessa dos editores, 2005.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, 2000.

FEIJÓ, Ricardo Becker; OLIVEIRA, Ércio Amaro de. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de Pediatria**, 2001. Disponível em: <http://www.jped.com.br/conteudo/01-77-S125/port_print.htm>. Acesso em: 14 nov. 2010.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996.

_____. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2. ed. Londrina: Ed. da UEL, 2001.

_____. **Educação sexual**: em busca de mudanças. Londrina: Ed. da UEL, 2009.

INSTITUTO KAPLAN. **Jogo de corpo**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Trilha educacional, 2005.

_____. **Vale sonhar**. São Paulo: Trilha educacional, 2005.

LOPES, F. V. et al. Gravidez na adolescência: estudo comparativo. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 473-477, 1989.

MAHEIRIE, Kátia et al. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 537-542, set./dez. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a21.pdf>. Acesso em: 21 out. 2010.

MAISTRO, Virginia Iara de Andrade. Desafios para a elaboração de projetos de educação sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual**: em busca de mudanças. Londrina: Ed. da UEL, 2009.

NUNES, Carlos; SILVA, Eduardo. **A educação sexual da criança**: subsídios e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

VILELA, Maria Helena. Paternidade na adolescência também existe. **Instituto Kaplan**. 2010. Disponível em: <http://www.kaplan.org.br/pesquisas_exibe.asp?id=20&tit=Paternidade%20na%20adolesc%EAncia%20tamb%E9m%20existe>. Acesso em: 15 nov. 2010.

Recebido em 8 de dezembro de 2010
Aceito em 3 de março de 2011